

AUTOBIOGRAFIA Alice Vieira

Tudo o que quis

1. Nasci em Março de 1943 na Av. Almirante Reis, em Lisboa, num prédio há muito deitado abaixo e substituído por um stand de automóveis. Gosto de pensar que a minha primeira cama pode ter sido ali, onde agora se exhibe um qualquer topo de gama. Acho que não foi má troca. Embora eu não perceba rigorosamente nada de carros (mas conheço na perfeição a carreira do 21: passa à porta das pessoas da família que me interessam, da minha editora, do médico, e desagua no Parque das Nações, lugar onde leio, escrevo, rejeito provas e curo as neuras.) Não aqueci o lugar na Almirante Reis, que é só minha pátria em termos de Bilhete de Identidade: de lá saí aos 15 dias de idade. Andei por várias casas antes de assentar numa (então) moderna rua das chamadas Avenidas Novas. De nenhuma guardei recordação especial. De resto, tenho muito poucas recordações de infância. Possivelmente como defesa, digo eu agora. E o pouco de que me lembro nunca tem a ver com a casa, mas com hotéis. Por isso também esta paixão por hotéis, que guardo até hoje.

Nos hotéis eu lembro-me de ter sido uma criança feliz. O Grande Hotel da Belavista, em Cadelas, por exemplo, onde passei férias anos e anos seguidos, foi sempre o meu oásis de alegria. Os tios com quem vivia deixavam-me um pouco à solta e ali eu encontrava crianças da minha idade, e adultos que gostavam de mim. Por tudo isto, esse hotel é o cenário real onde se passa a história do meu livro *Águas de Verão*.

2. Fiz toda a escola primária em casa. Coisa que nunca perdoei. Claro que tive aquilo a que se poderá chamar uma «primária de ouro», no exame da quarta-idade até sabia o que eram plantas fanerogâmicas. Mas a que preço. Quando eu disse que queria ir para o liceu, os meus velhos tios concordaram, porque estavam convencidos, como me diziam, de que «tu chegas lá, não te habituas, e estranhas tanto que vens logo para casa.» Os sete anos que passei no Liceu Filipa de Lencastre foram dos melhores da minha vida. Chegava a inventar aulas que não existiam só para poder ficar lá mais tempo. E, se fui para Filologia Germânica, foi apenas para lá continuar mais dois anos uma vez que, ao ser necessário escolher, no final do então 5º ano, a alínea que queríamos seguir, o liceu só dava as hipóteses de Matemática ou Germânicas. E como a Matemática, comigo, foi um caso de desamor à primeira vista... Claro que sempre gostei de línguas. Mas nesse caso o factor afectivo (colegas, professores, bairro) pesou muito mais.

Os meus tios estavam convencidos de que eu iria ter uma profissão decente nesta vida. Isto, evidentemente, depois de eu lhes ter comunicado que queria ir para a Faculdade – porque, decente, o que se chama decente, para eles era eu acabar o liceu, casar, ter muitos meninos e ser uma ótima fada do lar. «Tens de saber fazer tudo, para poderes mandar no pessoal», repetia muitas vezes a minha tia.

3. Mas pior, muito pior do que a ideia de eu ter um dia de trabalhar, foi a descoberta de que, se calhar, eu não iria ter aquela profissão, enfim, mais ou menos decente que as meninas tinham, ou seja, que eu não iria ser professora, porque entretanto tinha entrado num antro de todos os vícios, ou seja, a redacção de um jornal. Eu entrei na tipografia do *Diário de Lisboa* era ainda miúda, só para ver como é que se fazia o «Juvenil». Foi há muitos anos. Ainda havia tipo-



Alice Vieira, na actualidade. Com o marido, Mário Castrim, e a filha mais velha, Catarina (Fonseca), em 1969, e no jantar de licenciatura, em 1965

FOTO DE JOÃO LEMOS

grafias e cheiro a chumbo. E esse cheiro, quando se entranha nas nossas veias, é pior que a droga. O que sei de jornalismo aprendi nessa tipografia. No «Juvenil» colaborou uma geração donde saíram muitos dos nossos actuais escritores, até alguns políticos, actores, etc. Era um tempo de grande empenhamento. Todos nós queríamos salvar o mundo, abanar este país cinzento, ter possibilidade de escolher outro futuro. E com o Mário Castrim (que, anos mais tarde, se tornaria no companheiro magnífico de uma vida inteira), acreditávamos que isso iria ser possível – mesmo quando a censura cortava (e se cortava!) poemas e prosas e desenhos e fotografias – e nós, em pânico, pensávamos «como é que vamos fazer um suplemento sem material!». E fazia-se. Fez-se sempre. Depois...

4. ... depois bati com a porta. Zangada. Farta. Das pessoas, do país, de tudo. E fui respirar outra vida em Paris. No velhíssimo hotel da Rue Cujas, perto da Sorbonne, onde vivia a minha prima Maria Lamas, há muito tempo exilada de Portugal. Foi a verdadeira descoberta do mundo. Caí de paraquedas em pleno Maio de 68 – com a revolução na rua mesmo à minha frente, e as intermináveis discussões pela noite fora com o António José Saraiva, a Teresa Rita, o Jorge Reis e todos os que se abrigavam nessa verdadeira sucursal do Chiado que era o quarto da minha prima. Foi a minha verdadeira universidade. Mas havia a pátria. E as paixões. E as cartas. Um dia decidi regressar – e regresssei.

5. Casei, tive dois filhos criados sempre no meio de muita papelada, muitos jornais, e o som da televisão em fundo. Trabalhei durante seis anos para o *Diário Popular*, de onde os textos já iam tão cortados e retalhados para a censura que o coronel não devia ter grande trabalho... No dia 25 de Abril de 1974, naqueles ímpetos que as ocasiões extraordinárias despertam em nós, disse para o chefe de redacção: «Livre-se de me cortar nem que seja uma vírgula», ao que ele me respondeu, em voz grave: «Nesta casa não mudou nada.» Coitado, como se enganou... E desse dia único lembro-me de ter durado muito tempo. Foi um dia que só acabou com a festa do 1º de Maio, e a cidade inteira nas ruas, e eu e muitos camaradas a destilarmos debaixo de um cartaz

com uma enorme tesoura (a censura, claro! Que outra coisa poderia ser), e o Sttau Monteiro a berrar «se isto não é o povo, o povo onde é que está?», slogan que ele ali tinha inventado – até descobrirmos que tínhamos ido o tempo todo incluídos no Sindicato dos Barbeiros. E decidi trocar o *Diário Popular* pelo *Diário de Notícias*. Onde estive, a tempo inteiríssimo, até 1990.

6. Um dia, em 1979, e para calar os meus filhos, que não se cansavam de me pedir que escrevesse uma história para eles, e que me lançavam sempre à cara o pouco tempo que estava em casa (mãe jornalista sofre!), decidi aproveitar as férias para lhes fazer a vontade. E com a colaboração de ambos lá escrevi uma história, uma história tirada quase a papel químico da realidade da nossa casa e da nossa família. Escrevi-a em 20 dias, eles ficaram muito contentes porque já tinham uma história deles; eu fiquei muito contente porque eles nunca mais me iriam pedir outra. Acontece que o Mário viu no jornal o anúncio de um concurso literário para comemorar o Ano Internacional da Criança, e perguntou-me se eu não queria concorrer. Lá mandei as cópias necessárias, lá

arranjei um pseudónimo que o regulamento exigia – e nunca mais me lembrei do assunto: quando um dia me telefonaram para o jornal a dar a notícia de que, entre 104 originais, o meu tinha ganho o prémio, eu só perguntei «qual prémio?» A história foi logo publicada, chama-se *Rosa, Minha Irmã Rosa*, e está a comemorar agora os seus 25 anos...

E aí a minha vida modificou-se completamente. Nunca mais tive um momento de descanso: as folgas do jornal gozadas sempre às terças e sextas, para poder ir a todas as escolas que me chamavam; uma ginástica tremenda para nunca faltar ao trabalho no jornal, rever os livros que a editora reclamava, ir às bibliotecas, aos encontros com jovens, etc. Até que, em 1990, a saúde decidiu pregar-me um grande susto. E quando apanhamos destes grandes sustos é que percebemos que não somos eternos. Depois de muito reflectir, decidi-me a deixar a redacção do jornal e ficar a exercer a minha profissão em regime livre. Assim – pensava eu,

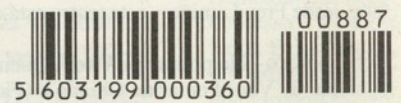


na minha ingenuidade – ia ter muito mais tempo livre, fazer só mesmo o que quisesse, pensar muito mais em mim. Concluindo: acho que trabalho hoje o dobro do que trabalhava em 1990... São os livros (já vão em mais de 40 títulos), são as crónicas para jornais e revistas, são as escolas (marcadas com um ano de antecedência), é o telefone que não para de tocar. É claro que eu gosto muito de ir às escolas, e de responder a todos os que me escrevem,

mas o pior é que já vou tendo muito pouco tempo para a minha escrita. Também – concordo... – porque entretanto apareceram os netos, que em Novembro já serão quatro, a morar numa cidade do centro de Inglaterra, com quem vou repartindo o meu tempo.

7. Tenho recebido alguns prémios, vou a vários países (onde os meus livros são traduzidos, sobretudo Alemanha, Espanha, França e Suíça) e respondo exactamente às mesmas perguntas que os jovens em Portugal me fazem. As vezes sinto-me muito cansada e com vontade de parar. Mas sei que não sou capaz. Pelo menos por enquanto. E acho que não tenho razões para me queixar da vida. Tive as profissões que quis, o homem que quis, os filhos que quis. Tudo conseguido com muito trabalho e muita luta. Mas, mesmo assim, não há muita gente que se possa gabar do mesmo. ●

Alice Vieira, 61 anos, escritora e jornalista, autora de diversos livros de ficção para jovens de grande êxito em Portugal e em diversos outros países



A SOMBRA DO VENTO Carlos Ruiz Zafón

Uma história insuspeita sobre as segundas do tempo e o fim do lar

